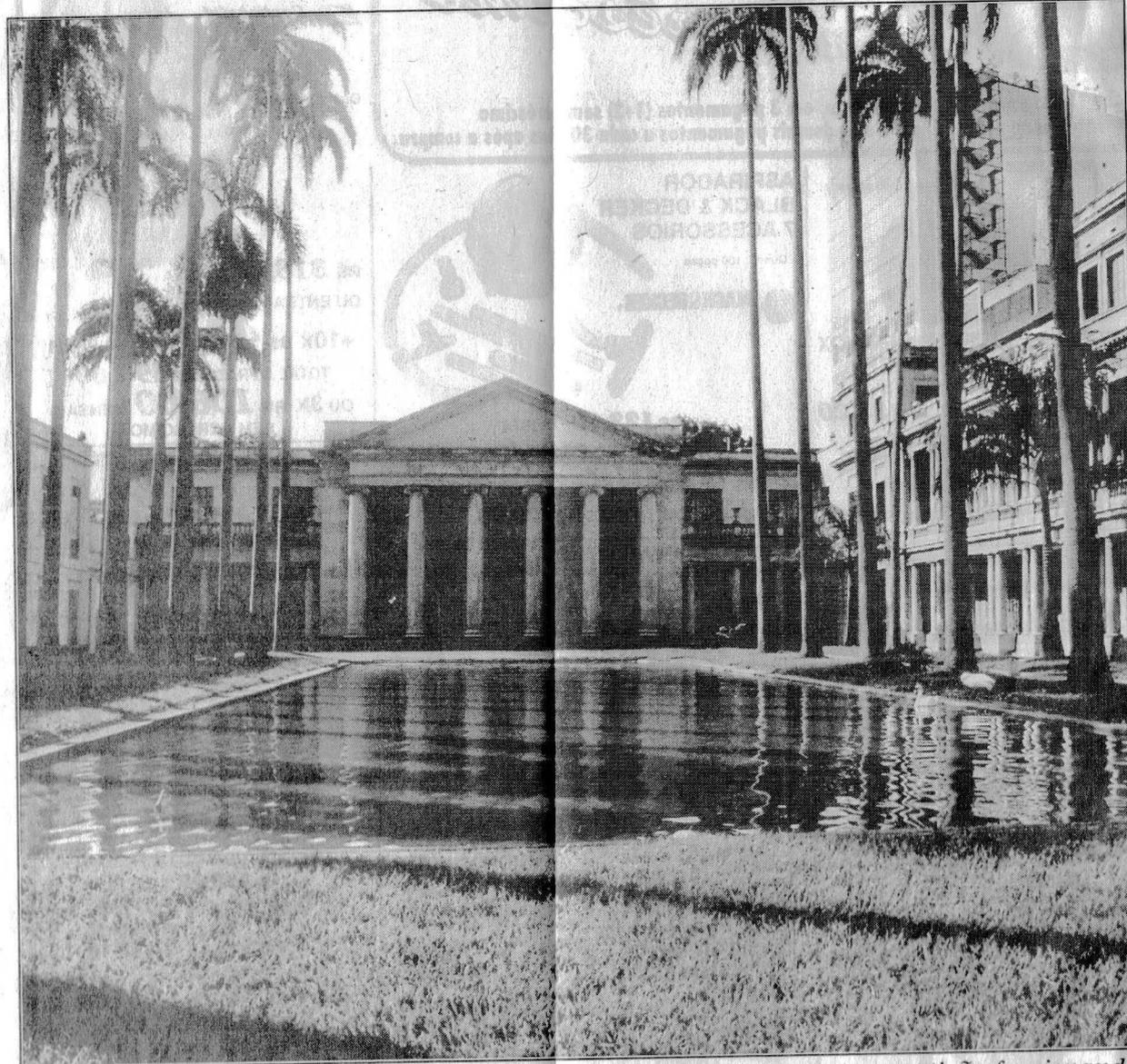


CONGRESSO

Senadinho sobrevive depois da extinção

Otávio Magalhães/AE—10/3/95



O Senadinho: R\$ 100 mil por mês para pagar 65 funcionários e manter repartição funcionando

Quatro meses depois de ser extinto pela mesa do Senado, escritório de representação no Rio continua funcionando, à espera da confirmação da decisão em plenário

PAULO VASCONCELLOS

RIO — Quatro meses depois de ter sua extinção decidida pelo Congresso, o escritório de representação do Senado no Rio — mais conhecido como Senadinho — continua ocupando um andar inteiro do prédio anexo do Palácio do Itamaraty, no centro da cidade.

Numa demonstração de que seu desmonte será mais difícil do que imaginam os defensores da moralização do Legislativo, 65 funcionários ainda batem ponto na repartição e estão sempre a postos para resolver os problemas de senadores em visita ao Estado. Cinco carros também servem ao deslocamento dos parlamentares do aeroporto internacional até a cidade. Os salários e as despesas de manutenção do escritório custam ao contribuinte cerca de R\$ 100 mil por mês.

Telefone — Pelo menos um dos três senadores eleitos pelo Rio mantém gabinete ali, com uma chefe e até um assessor de imprensa. Quem liga para a casa do presidente nacional do PSDB, Arthur da Távola, ouve na secretária eletrônica o recado — gravado pelo próprio senador — de que ligações de trabalho “para o

Arthur devem ser feitas para o telefone 263-9369”. Quem atende do outro lado da linha costuma anunciar que ali fica o escritório da representação do Senado, para só depois revelar que o telefone é do gabinete do senador.

A assessora de imprensa de Benedita da Silva (PT), Ana Paula, disse que a senadora não mantém gabinete no Senadinho. O outro senador pelo Rio é Darcy Ribeiro (PDT), que também usa com frequência os serviços do prédio. A mesa diretora do Senado já aprovou a extinção do escritório. No entanto, a decisão final sobre sua sobrevivência deve demorar mais dois meses.

O diretor-geral do Senado, Agaciel Maia, afirmou que esse é o prazo mínimo para o plenário votar o projeto do senador Ney Suassuna (PMDB-PB), que prevê o fechamento da repartição no Rio. “O fim do escritório de representação do Senado é irreversível”, disse Maia.

Irreversível, mas lento. O diretor-geral pediu autorização para leiloar os cinco carros oficiais — todos adquiridos antes de 1988,

quando a compra de veículos para a representação foi proibida pela Lei de Diretrizes Orçamentárias. Porém, dos 83 funcionários que trabalhavam ali em março, só 18 tomaram a iniciativa de se transferir para Brasília. “Todos terão de vir para cá”, garantiu Maia. Depois de aprovado o projeto, os funcionários ainda contarão com 45 dias para mudar ou conseguir uma vaga na Câmara de Vereadores ou na Assembleia Legislativa do Rio.

Distorções — O Senadinho é uma herança dos 197 anos em que a cidade foi capital do País. Desde 1960, quando o Congresso mudou-se para Brasília, discute-se o fim da repartição. Mesmo assim, de lá para cá, as nomeações para o escritório não foram interrompidas. A representação do Senado no Rio já chegou a ter 100 funcionários.

As distorções fizeram com que

abrigasse servidores nos cargos de auxiliares de plenário e finalistas de arte. Detalhe: o plenário e a gráfica do Senado ficam a mais de mil quilômetros de distância, em Brasília. O Departamento de Divulgação também não parou de inchar, embora o atendimento à imprensa também seja feito pelos funcionários que trabalham na Capital Federal.

PRESIDENTE DO PSDB TEM ASSESSORIA NO PRÉDIO